

TEXTOS DE CATÁLOGO
EXPOSIÇÃO DE ILDA REIS

«Conheço excelentes artistas que dando muito à gravura não lhe dão porém tudo. Há neles como zonas reservadas que a gravura não força ou a que ela não responde; não será assim porque às exigências que lhe peçam a gravura se segue, mas, principalmente, porque em certas circunstâncias só o alterar da expressão abre tais mundos reservados e rompe os espaços para invenção. Outros artistas há, poucos que também conheço, em que a gravura tem acesso a toda a grandeza de alma. O que há para fazer e mostrar de si mesmos passa-se unicamente naquele retalho de pedra, polidíssima, marfinada e, à sua maneira, macia; na chapa de metal que os buris retraçam e as línguas de fogo dos mordentes corroem até à perfuração; na peça de madeira, retalhada, veios à vista como nervos e sangue.

Para tais artistas é nestes materiais de muita e antiga nobreza oficial que se engendra e vasa a criação. Depois, o papel vai buscar neles o que dela fica; nessa verónica sem cruz, porém misteriosíssima e sagrada na sempre repetida e ao mesmo tempo desconhecida surpresa: a desejada aparição.

ILDA REIS é um desses artistas poucos. Desde que a conheço, a admiro e somos amigos, nunca uma gravura sua deixou de me mostrar a profundidade dessas marcas de alma. Nunca nenhuma alguma vez deixou de ter esse empenho que exterioriza e interioriza essa força incontível que é por um lado o esforço e jeito do braço, exactamente, é, por outro, a força do espírito que é outra força ainda maior. Não existe arte da gravura possível sem o concerto destas duas forças de que o papel, a prova, nem sempre testemunha a dimensão reconhecível. Este aspecto, esta espécie de rosto do trabalho, reconhece-se, está reflectido, nas gravuras de ILDA REIS quase como se por ele se determinasse a morfologia que as distingue das outras. (...) Um grande balanço da obra está feito desde o seu começo para que seja possível, viável ou ainda desejável ver-se onde principia o que, agora, parece modificar-se. E, se assim for, depois do grande fogo e da cinza negra renasce sempre, na tradição do mito, alguma coisa, alguma coisa se anuncia, então.»

Fernando Azevedo

«Ilda Reis evoluiu para uma sublimação poética, para um refinamento que, em parte, apaga a realidade dilacerante. Ilda não fica insensível a tudo o que a rodeia, à miséria como à morte, à violência como à opulência escandalosa, à paixão como à falta dela. A passagem dos pequenos para os grandes formatos, a omnipresença do vermelho, a ruptura desse equilíbrio precário que apenas autorizava as primeiras formas a não ultrapassarem a moldura, que as domava, tudo isso constitui o sinal de um mergulho – alcançado pela intensidade da vontade – na profundidade do eu.

Destruir a imagem inisípida de um quotidiano repleto de ausências para conseguir ver a presença do essencial. Construir em torno dessa presença – que não é senão o grande teatro do mundo – um cenário condensado e ondulante (paradoxo?), dar cor e espaço onde não há senão matéria perecedora e sentimentos passageiros, tecer depois a fina malha de uma parede sem consistência. Diluir o erortismo no veneno da beleza formal, destruir para melhor se encontrar. Que coragem foi precisa para aí chegar.»

Edígio Álvaro

«(...) Ilda Reis grava longe de si, para além da subjectividade ou da expansão sentimental,. O que ela visa é um centro íntimo e transcendente que é, também, o mundo elementar, a plenitude da terra. O mundo é abolido pelo silêncio, torna-se mais profundo, o vazio revela o fundo primordial, o espaço oferece a sua longinquidade. Estamos longe, muito longe, mas perto da nascente. A distância torna-se o corpo da totalidade perdida, indefinida, inominável. O que vemos não são coisas nem signos, mas a tranquila suspensão do real, o seu vazio, o mistério da sua presença ausente. (...)»

Teresa Albuquerque

«(...) A sua imagética universalista projecta-a para além do seu portuguesismo de cultura involuntária de uma arte sua e desinteressadamente humilde. É urgente que se diga que essa pretensão naufraga noutra realidade: os seus objectivos reducionistas da sua intimidade alcançam, inversamente, outras fronteiras, vencem galáxias, devoram imediatismos, na medida em que estão simultaneamente eivados de uma qualidade baptizada com os valores de uma peça única, invulgar, selectiva e, sobretudo, representante de um olhar incorrupto sobre os horizontes, sobre a vida e as expectativas que o homem pode ter acerca das suas esperanças, das suas agonias e desesperos.»

Fernando Nascimento